

A TENSÃO ENTRE O FANTÁSTICO E O MARAVILHOSO

Marcia Romero Marçal
Prof^a Doutora
FFLCH – USP

RESUMO: O artigo tem como objetivo analisar a relação tensa entre o Fantástico e o Maravilhoso, tendo em vista perspectivas teóricas e críticas como as de Irlemar Chiampi, Tzvetan Todorov e Felipe Furtado, entre outros. Nossa análise comparativa e crítica volta-se para a criação e apropriação destes gêneros em um contexto histórico moderno caracterizado pela consolidação do racionalismo iluminista burguês, que procura rebaixar tudo aquilo proveniente de uma lógica que incorpore o irreal, o mágico e o irracional na ordem natural do mundo. Ademais, apresenta os critérios formais nos quais os críticos mencionados se baseiam para estabelecer os limites entre tais gêneros.

PALAVRAS-CHAVE: Fantástico, Maravilhoso, gêneros literários, racionalismo burguês

ABSTRACT: The purpose of this paper is to analyse the tense relationship between the Fantastic and the Wonderful, having in view theoretical and critical perspectives such as those from Irlemar Chiampi, Tzvetan Todorov and Felipe Furtado, amongst others. Our comparative and critical analysis faces the creation and appropriation of those genders in a modern historical context, marked by the consolidation of the *bourgeois* illuminist rationalism, which attempts to debase all that which originates from a logic that incorporates the unreal, the magic and the irrational into the world's natural order. Furthermore, it presents the formal criteria in which the above-mentioned critics rely to establish the limits between such genders.

KEYWORDS: Fantastic, Wonderful, literary genders, *bourgeois* rationalism

O tema do sobrenatural perpassa diferentes textos literários, mas sua presença não é suficiente para definir a classificação dos gêneros a ele ligados. Gêneros como o Maravilhoso, o Estranho, o Realismo maravilhoso e o Fantástico apresentam motivos, personagens e acontecimentos que se referem a uma fenomenologia meta-empírica. Cada qual, no entanto, estabelece uma relação distinta com o meta-empírico segundo a estruturação particular do discurso e dos aspectos narrativos que emprega. Em outras palavras, a relação intratextual dos componentes da narrativa com os fenômenos meta-empíricos nela plasmados determinará seu pertencimento aos mencionados gêneros. Tal perspectiva, contudo, não supõe uma autonomia do texto em relação ao seu contexto histórico.

Trataremos neste artigo, sobretudo, das diferenças entre o Maravilhoso e o Fantástico no que concerne à relação do sobrenatural com o natural estabelecida pelos elementos narrativos destes gêneros e observável pelo efeito discursivo causado no leitor hipotético.

A contigüidade entre esses dois gêneros é observada por Tzvetan Todorov (1977, p. 55) que insiste, no entanto, na sua separação, já que em cada uma destas narrativas estão presentes concepções e resoluções diferentes dos fenômenos extraordinários que irrompem a ordem natural e familiar do mundo encenado.

O Maravilhoso compreende, segundo Irlemar Chiampi (1980, p. 47), uma ausência do princípio de causalidade que outorga aos acontecimentos extraordinários, aos personagens sobrenaturais, aos espaços imaginários e ao tempo fictício uma legitimidade a priori. Admite-se, por antecedência, a existência de leis e regras que fogem à opinião corrente do que deva ser a "normalidade" à qual a natureza e o mundo se submetem.

Para a crítica, o discurso narrativo do Maravilhoso não problematiza a dicotomia entre o real e o imaginário, posto que a verossimilhança não está no centro das preocupações deste discurso. O conto maravilhoso relata acontecimentos impossíveis de se realizar dentro de uma perspectiva empírica da realidade, sem aos menos referir-se ao absurdo que todo este relato possa parecer ao leitor. A narrativa do Maravilhoso instala seu universo irreal sem causar qualquer questionamento, estranhamento ou espanto no leitor porque, ao não estabelecer nenhuma via de conexão entre o universo convencionalmente conhecido como real e sua contradição absoluta, o irreal, reforça os parâmetros que o orientam no seu conhecimento empírico do que seja a realidade. De modo que um traço distintivo do gênero Maravilhoso é o de introduzir uma fenomenologia meta-empírica negando completamente sua probabilidade de realizar-se no mundo concreto e material.

Neste sentido, o universo do Maravilhoso fecha-se em si mesmo, é hermético, excludente e, paradoxalmente, convencional pois, apesar de erguer-se sobre uma imaginação que subverte os convencionalismos do mundo material e familiar, reafirma a hierarquia do real sobre o irreal. Confirma a impossibilidade de interpenetração entre essas "duas zonas de sentido", como assim designa Chiampi o mundo real e o imaginário. A arbitrariedade, com que se dispõem as intervenções mágicas, as metamorfoses e outros fenômenos de caráter extranatural na narrativa do Maravilhoso, assente, implicitamente, a falsidade e a inexistência do sobrenatural. Os contos de fadas são considerados "contos de mentira", que narram histórias totalmente improváveis e, só enquanto meio simbólico de comunicação de uma mensagem moralizante, estabelecem um nexo com os códigos do mundo real por meio da psicologia do leitor.

Concordamos com Bruno Bettelheim (1979) quando o autor afirma que os contos de fadas contribuem para a formação da criança, para seu processo de amadurecimento, porque a orientam a distinguir o mundo real do irreal. No entanto, discordamos da idéia do autor de que a narrativa do Maravilhoso coloca o irreal como verdadeiro, embora diferente da realidade. Ao projetarem um mundo imaginário e simbólico plenamente constituído, totalizante, os contos de fadas não só se opõem ao mundo real e empírico, senão que postulam implicitamente que o sobrenatural pertence à categoria do imaginário. Com o Maravilhoso, a cisão entre sobrenatural e natural projeta-se sobre a contradição irreduzível entre mundo imaginário e real. A criança aprende com o conto de fada que coisas estranhas e sobrenaturais só podem acontecer exclusivamente num universo fictício e imaginário, nos contos de fadas. No mundo real, o imaginário não é operante.

Do ponto de vista da criança, ser que possui uma imaginação hiperativa, uma sensibilidade e fantasia hiperbólicas, a interpenetração entre estas duas zonas faz-se plausível. O universo psicológico infantil desconstrói a concepção antinômica entre real e imaginário. Para a criança, a imaginação não só pertence à realidade, como esta última não pode ser conhecida e concebida sem a primeira; a magia que reveste as coisas do mundo material não é constitutiva do outro mundo, ao contrário, emana do próprio real.

Por não discutir a objetividade da existência do sobrenatural, o Maravilhoso anula-a, radicaliza a oposição entre real e imaginário, é apropriado pela ideologia racionalista e positivista moderna como um discurso de apoio à supremacia do real sobre o irreal, do lógico sobre o ilógico, do racional sobre o irracional. Daí a narrativa do Maravilhoso, em nossa época, ainda prestar-se à instrução da formação do indivíduo dentro dos parâmetros burgueses de moral e racionalidade.

O sobrenatural, o ocultismo, a magia, o pensamento mágico e religioso são relegados à marginalidade e são negados sistematicamente por uma ideologia burguesa racionalista que

identifica tais temas e formas de concepção de mundo com uma cultura primitiva e "devidamente dominada" pela superioridade da sua civilização. O conto maravilhoso foi apropriado pelo mundo burguês como anti-modelo instrutivo daquilo em que não se pode crer, porque sua estrutura inverossímil e hermética não abala as coordenadas racionais sobre as quais se apoia a dicotomia excludente entre o real e o irreal. O estudo de Vladimir Propp (1997) demonstra o quanto o conto maravilhoso se origina de concepções sagradas do mundo na mesma medida em que revela o quanto, dialeticamente, esta narrativa resulta de um processo de profanação deste mesmo conteúdo religioso.

O sobrenatural é tratado de uma forma muito diferente pelo discurso narrativo construído pelo gênero Fantástico. O evento sobrenatural surge em meio a um cenário familiar, cotidiano e verossímil. Tudo parece reproduzir a vida cotidiana, a normalidade das experiências conhecidas, quando algo inexplicável e extraordinário rompe a estabilidade deste mundo natural e defronta as personagens com o impasse da razão. A partir deste momento, a retórica da narrativa do Fantástico elabora conjecturas racionais a respeito do evento sobrenatural que nunca são comprovadas de fato. Ou seja, o discurso narrativo fantástico constrói e mantém as personagens num estado de incerteza permanente diante da verdadeira índole dos fenômenos meta-empíricos que cruzam o caminho de suas vidas.

No Fantástico, as personagens sob o ponto de vista do narrador estão sempre oscilando entre uma explicação racional e lógica para os acontecimentos extranaturais - inserindo-os, desta forma, na ordem convencional da natureza - e a admissão da existência de fenômenos que escapam aos pressupostos científicos, racionais e empíricos que organizam o conhecimento burguês da realidade.

Todorov aponta essa hesitação, experimentada normalmente pelo narrador-personagem, entre a crença na sobrenaturalidade dos fenômenos e a convicção numa explicação que os inscreva num rol de justificativas conformes às leis naturais como o elemento definidor Fantástico. O autor ainda coloca como condição do gênero que esta hesitação latente alcance o leitor e lhe provoque uma identificação incontestável com o narrador-personagem hesitante.

Filipe Furtado (1980, p. 95) discorda da posição de Todorov neste ponto, afirmando que tal hesitação do narratário é consequência antes de uma ambigüidade construída pelo discurso do texto que de uma condição para que tal ambigüidade se verifique. O leitor hipotético, conduzido pelo discurso ambíguo de um narrador em primeira pessoa, que também desempenha o papel de testemunha dos acontecimentos insólitos, tende a participar desta hesitação ao identificar-se com ele. Mas, segundo Furtado, essa identificação e hesitação do leitor, se não cumpridas, não comprometem, não obstante, a ambigüidade entre o natural e o sobrenatural comunicada pelo

Fantástico. O jogo do discurso verossímil construído e desconstruído, sucessivamente, neste tipo de texto, é assinalado por Furtado como o grande fator responsável pela eficácia desta ambigüidade que influencia, quase invariavelmente, a percepção hesitante do leitor. Para Furtado, um texto não deixará de ser Fantástico se o leitor não "concordar" com o caráter indefinido do fenômeno que está sendo encenado.

Da mesma maneira, os sentimentos de medo, espanto, dúvida, horror, de "estranheza inquietante" (expressão atribuída por Freud aos efeitos da fantasticidade no espírito humano - rodapé), suscitados no leitor, manifestam a vigência de um tratamento discursivo da narrativa "fantástica", dado aos fenômenos meta-empíricos e aos temas do sobrenatural, que visa à valorização impactante destes fenômenos na consciência do leitor. Porém, como estes sentimentos constituem uma característica subjetiva observável em um agente que é exterior ao universo narrativo, propriamente dito, os recentes estudos literários questionam a pertinência de tomar-se as reações psicológicas do leitor como elemento de um determinado gênero ou texto literário, ainda que o efeito discursivo pretendido no narratário esteja sempre na perspectiva destes estudos.

Irlemar Chiampi observa que o discurso do Fantástico encontra esta forma de ressonância no espírito humano em função da presença, fundamentada social, cultural e historicamente, de um medo inconsciente, atávico, do desconhecido. A narrativa "fantástica" garante o despertar destes sentimentos porque projeta imagens e uma atmosfera particular ligadas a estados mórbidos da consciência. A indefinição entre uma probabilidade racional e empírica e outra irracional e meta-empírica gera um desequilíbrio angustiante no sistema estável do narrador-personagem e do leitor. Este estado de hesitação angustiante é levado até o termo da intriga. Não se propõe uma solução para tal ambigüidade. "O esvaziamento da significação", a perplexidade, o terreno do "não-sentido", estabelece-se porque a cisão entre o mundo real e o imaginário apresenta um caráter inconciliável no Fantástico.

Ora, é interessante observar que no Fantástico português esta ambigüidade, assentada sobre a irredutibilidade entre o real e o sobrenatural, ou seja, sobre uma concepção de realidade que expulsa qualquer possibilidade de intromissão de fenômenos extranaturais, não está presente. Isto se deve à herança histórica de um catolicismo medieval, no qual o natural e o sobrenatural participam de uma cosmovisão em que estas esferas não são excludentes racionalmente. Racionalidade e sobrenatural não correspondem a duas ordens contrárias irredutíveis e inconciliáveis para o imaginário católico medieval. Na cosmovisão católica, o sobrenatural povoa a realidade prosaica do cotidiano, de certa forma, "naturalmente". Espíritos diabólicos, entidades de outro mundo, forças desconhecidas, do Além, fantasmas, monstros, assim como anjos, beatos, santos interferem na vida

real sem que a razão, ainda que aterrada pelo medo, sinta-se desalojada de suas propriedades constitutivas. Este tipo de narrativa sofre a classificação de Fantástico religioso.

Com efeito, Furtado atribui à breve vida do Fantástico (do séc. XVIII até o séc. XIX) o fato de representar um gênero substancialmente circunscrito em um contexto histórico particular. O gênero surge como resposta à apologia de um racionalismo iluminista que refuta com tenacidade o ideário católico e das culturas consideradas por ele primitivas e inferiores. Aos olhos do homem moderno do século XIX, a superstição, a magia, o ocultismo e a própria mitologia destes povos, constituíam um sinal de sua inferioridade cultural comparada ao estágio socio-cultural supostamente avançado a que leva havia levado o conhecimento científico da sociedade burguesa. As faculdades da razão haviam se tornado o fundamento inviolável sobre o qual se desenvolvia o conhecimento científico da sociedade moderna. O positivismo do século XIX consagrava o racionalismo iluminista e a noção de superioridade cultural da civilização moderna burguesa ao ter construído um modelo teórico evolucionista no qual esta última ocupava o grau máximo de evolução até então observado entre as sociedades existentes. Todo este arcabouço teórico servia de justificativa ideológica para a dominação burguesa sobre os demais povos, sobretudo durante o Neocolonialismo na África. A dessacralização da vida cotidiana e do universo social, político e econômico do homem moderno esteve consoante à consolidação do poder burguês e do modo de vida capitalista.

Segundo Furtado, o fantástico aponta para os perigos e os limites deste racionalismo otimista. Ao colocar a derrota do herói sob as forças maléficas do desconhecido, demonstra uma filiação ideológica a um pensamento teocêntrico e antirracionalista. De teor retrógrado, por um lado, o fantástico incorpora, por outro, os conhecimentos científicos em voga para, em seguida, procurar desmontá-los com a insurgência de fenômenos extranaturais, num jogo de ambigüidade insolúvel levado ao extremo.

Irlemar Chiampi reconhece na inclinação do fantástico às manifestações negativas do sobrenatural (demônios, monstros, fantasmas, forças do Mal) em confronto com o herói, que representa os valores do Bem, uma concepção maniqueísta e conservadora do gênero. A oposição entre Bem e Mal no fantástico sobrepõe-se à contradição natureza e sobrenatureza. Na opinião de Chiampi, estas forças antagônicas travam a "luta primordial da qual saem vitoriosos os valores positivos":

As emoções de medo ou horror, bem como a sensação de nojo dos seres ameaçadores ou monstruosos glorificam uma concepção maniqueísta do mundo: o Bom, o Bem, o São e o

Divino saem vencedores no conflito com o Mal. A problematização do real no fantástico assume, neste sentido, o caráter de uma luta primordial entre forças antagônicas, da qual saem vitoriosos os valores que o pensamento logocêntrico aceita como positivos (CHIAMPI, 1980, p. 67).

Ora, vemos que neste ponto há uma discordância não só de opinião entre Furtado e Chiampi, mas também uma contradição quanto às informações.

A vitória das forças do Mal ou das forças do Bem, em nossa opinião, não define o caráter crítico ou conservador do gênero. A relação entre o sobrenatural e o natural, por si mesma, parece-nos consistir no cerne do debate levantado pela narrativa do Fantástico. O Fantástico coloca um impasse à razão e não o resolve, retira o indivíduo de sua estabilidade cotidiana e não lhe proporciona, ao final, uma saída racional ou metafísica. Joga-o na zona do "não-sentido" e deixa-o aí, estupefato, paralisado, sem apoio tanto na teologia quanto na ciência. O equilíbrio desta narrativa é tênue e frágil porque ela se instala sobre uma zona fronteira, justamente sobre a linha que divide o real e o imaginário, sobre o mistério, a incerteza. Não sobre o racional ou o irracional, mas sobre a desrazão, o não-sentido. Neste sentido, a hierarquia convencional e historicamente construída do real sobre o irreal é quebrada, não obstante a vitória axiológica do Bem contra o Mal ou vice-versa. O real vê-se abalado pelo irreal e não há uma assimilação de um pelo outro. A permanência da ambigüidade significa a permanência do mistério no Fantástico.

Todorov assinala que o Fantástico corresponde ao tempo da indefinição, de uma incerteza, pois quando tal ambigüidade resolve-se o texto penetra no campo ou do Estranho ou do Maravilhoso, segundo prevaleçam as leis naturais e uma explicação racional para os fatos insólitos ou se admita a existência de outras leis da natureza e de outra relação causal entre os fenômenos que permitam explicá-los.

Quanto ao maniqueísmo e à tendência ao sobrenatural negativo presentes no gênero, o autor identifica-os como uma abertura, realizada pelo gênero, para a encenação de temas censurados pela moral vigente da sua sociedade. Assim, associados ao sobrenatural negativo, estão os temas do amor homossexual, da poligamia, do incesto, de perversões de vária índole, do sadismo, da violência e crueldade, da necrofilia, da loucura, etc. De maneira que estes temas, artificialmente ligados a um Mal que deve ser combatido ou que "não consegue ser comprovado", escapam à vigência de leis proibitivas, transgredindo-as. Conforme Todorov, isso diz respeito a duas funções que o Fantástico leva a cabo: uma função social e psicológica de "válvula de escape" de obsessões, neuroses, medos atávicos, pesadelos, angústias inomináveis e outra, literária, pela qual a natureza própria da narrativa se vê assegurada.

Referências bibliográficas

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

CHIAMPI, Irleamar. **O Realismo Maravilhoso**. São Paulo: Perspectiva, 1980.

FURTADO, Filipe. **A construção do fantástico na narrativa**. Lisboa: Horizonte Universitário, 1980.

PROPP, Vladimir. **As raízes históricas do conto maravilhoso**. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

_____ **Morfologia do conto maravilhoso**. Rio de Janeiro: Forense, 1984.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à Literatura Fantástica**. São Paulo: Editora Moraes, 1977.

_____ **As estruturas narrativas**. São Paulo: Perspectiva, 1970.